

A produção de diferenças pelo esporte

Márcia Pilla do Valle

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

O trabalho busca justificar a importância da especificidade da Psicologia do Esporte para que o profissional possa atender às demandas, principalmente, das crianças e adolescentes que têm na prática esportiva e competitiva uma opção de vida. As questões são ilustradas através de exemplos práticos vividos na rotina de um clube poliesportivo.

Palavras-chave: Psicologia do esporte; crianças; adolescentes; identidade; diferença.

ABSTRACT

The production of differences through sport

This paper is due to account for the importance of the particularities of Sport Psychology. From it the professional will be able to consider the special demands of children and adolescents who take on sport practices and competition an option of life. The questions are illustrated through examples experiences out of sports associations' routine.

Key words: Sport Psychology; children; adolescents; identity; difference.

Quem acompanha atletas de perto (sejam profissionais, parentes ou até mesmo amigos) logo percebe as diferenças que a prática do esporte vai promovendo na vida destas pessoas. No entanto, nem sempre estas diferenças são compreendidas em toda a sua extensão.

Este artigo surgiu da necessidade de ressaltar a importância da especificidade da Psicologia do Esporte para atender às demandas, principalmente, das crianças e adolescentes que têm na prática esportiva e competitiva uma opção naquele momento da vida.

O que são estas diferenças? Diferente do quê?

Desde pequenos nos acostumamos a estabelecer parâmetros de nossos comportamentos em relação a outros, ou seja, é estabelecido um padrão "normal" ao qual devemos nos enquadrar ou até mesmo nos "guiar". Este padrão é estabelecido geralmente a partir do que se encontra na maioria da população, seja de aspectos bem específicos (por exemplo: tamanho esperado para o recém nascido ser considerado "normal", "no padrão brasileiro") até aspectos mais subjetivos (por exemplo: humor oscilante no adolescente). O que quero destacar é que o padrão tido como "normal" não é o único e nem sempre o único indicado ou possível. Temos a tendência de agregar um juízo de valor a este padrão, considerando-o o bom e o resto, o que foge ao "normal", como tendo problemas.

Como tudo isto se encaixa no esporte?

Os atletas de alto rendimento, especialmente em sua iniciação competitiva, produzem muitas diferenças em relação às crianças e jovens de sua idade. Durante minha pesquisa de mestrado¹ fui percebendo a importância de atentarmos para os efeitos que estas diferenças produzem nos atletas. Quando uma criança inicia sua trajetória competitiva, passa a se envolver mais intensamente com sua modalidade. A prática, por sua vez, exige uma dedicação que começa a produzir uma diferenciação na rotina de vida destas crianças e jovens. Primeiramente são notadas alterações nos horários (dedicam boa parte do tempo livre para o esporte). Começam a surgir dificuldades em conciliar tarefas escolares com a rotina, trabalhos em grupo, atividades de final de semana, pois começam a surgir os campeonatos e o desejo de participar.

Aos olhos de alguém que não conhece a rotina esportiva, muitas vezes estas crianças e adolescentes causam espanto por sua maturidade, responsabilidade e o senso de compromisso que assumem com o esporte. Não faz muito tempo, passei por uma situação que relatarei a seguir e que ilustra bem a questão que quero trazer.

No início do ano fui chamada a auxiliar uma ginasta da pré-equipe e sua mãe, pois a menina (com

8 anos) estava com dificuldades de separar-se da mãe e de permanecer no treino sem sua presença. Conversando com a mãe, pudemos identificar alguns acontecimentos familiares que poderiam estar reforçando os sintomas e, como estas dificuldades estavam aparecendo também na escola, a mãe aceitou a indicação de uma avaliação psicológica em local indicado por mim.

Dei algumas orientações pontuais para mantê-la em treinamento e, após alguns dias, a menina já conseguia permanecer mais tranqüila no treino. Após algumas semanas, encontrei-as no clube e a mãe me contou que estavam em grandes progressos e que agora se despediam na porta da sala de musculação (atividade que a mãe fazia enquanto a filha treinava) e caso a filha sentisse necessidade, dava uma “escapada” (com a anuência da técnica) para reabastecer-se com a mãe.

Após cerca de dois meses, a mãe me procura novamente querendo conversar. Conta que a avaliação havia terminado e que havia sido indicada uma psicoterapia para trabalhar questões familiares, mas a mãe estava incomodada com a terapeuta porque esta havia questionado a rotina de treinamento da filha. Segundo a mãe, a questão girava em torno da falta de tempo para brincar e da idade da menina. A terapeuta questionava se era correto uma criança tão pequena dedicar-se exclusivamente a uma atividade específica, assumindo compromissos e responsabilidades que, a seu entender, não eram condizentes com a idade.

O que quero trabalhar neste artigo são justamente as diferenças que vão se estabelecendo com a dedicação ao esporte. Já com estes pequenos atletas um estranhamento começa a ser manifestado e o quanto isto se reflete em suas vidas.

Neste exemplo fica claro que a terapeuta utiliza um critério padrão para questionar a mãe quanto a dedicação da filha ao esporte. Espera-se que uma criança de 8 anos desta classe social tenha um tempo “X” para brincar, um “Y” para a prática de atividade física, um “Z” para aprendizado de outra língua e assim por diante. A dedicação a uma só atividade causa um estranhamento e até mesmo um pré-julgamento da situação. Ainda que possam ser consideradas as particularidades do caso (desejo da mãe de ter uma filha atleta e conseqüente incentivo da mesma), o que percebemos na prática é não só um estranhamento mas até mesmo uma recriminação à rotina a que estes atletas se submetem.

Não quero com isto, justificar os abusos que podem ocorrer (e que muitas vezes ocorrem) nos treinamentos precoces, mas defender a compreensão da cultura a qual estes sujeitos estão incluídos e do quanto esta cultura esportiva é repleta de significados e constituinte do próprio sujeito atleta. Não pretendo explorar as questões relativas ao treinamento precoce, esta-

belecendo um juízo de valor, mas pensar nos efeitos que a dedicação ao esporte de alto rendimento produz. Pretendo pensar também nas diferenças que são produzidas pelos atletas jovens. Pensar ainda, na importância do profissional que atua diretamente com estes sujeitos estar ciente destes efeitos para atender a demanda que ali se encontra.

CULTURA ESPORTIVA

Compreender que a cultura tem um papel constitutivo da vida social e do próprio sujeito é fundamental nos aspectos que quero tratar. Os seres humanos são seres interpretativos e sociais, ou seja, um ser “em relação”. O que nos distingue dos outros seres vivos é nossa capacidade de instituir sentidos.

Cada instituição, grupo ou atividade social gera e requer sua própria cultura (com seus significados e particularidades). A cultura é eminentemente interpelativa uma vez que constitui nossas formas de ser e de explicar o mundo (Guareschi, Medeiros, Brusqui, 2003; Valle, 2003).

Imerso nestas diferentes culturas, o sujeito vai se identificando com estes significados e sendo capturado por estas culturas. Assim, quando pensamos na cultura do esporte de alto rendimento, consideramos todos os discursos que se produzem neste meio: o que é ser um atleta, como se forma um atleta, que atitudes devem ser tomadas para ser um atleta, etc. Ou seja, a cultura esportiva carrega consigo uma série de significados que vai instigando os sujeitos a serem como dizem que são (Valle, 2003).

DO INÍCIO: DIFERENÇAS NA FAMÍLIA, NA ESCOLA...

Na vida contemporânea, é unanimidade considerar o esporte ou a prática da atividade física não mais uma necessidade, mas uma exigência em busca da saúde dos sujeitos. Segundo Bracht (1997, p. 109) “esportividade se tornou um valor ou uma norma de comportamento socialmente válido, esperado e de certa forma, exigido”. Desde pequenas, as crianças são incentivadas a praticar alguma atividade. O discurso do esporte transmite os benefícios de sua prática não só em termos de saúde, mas também como uma forma de prevenção à obesidade, ao uso de drogas, como uma forma de experienciar situações de vida tais como: viagens, bolsa de estudos, plano de saúde, auxílio alimentação, etc. – vantagens que grande parte das famílias seria incapaz de proporcionar. Além destes aspectos, a carreira esportiva é tida como uma alternativa rentável de trabalho para o jovem e sua família frente a atual conjuntura econômica e social de nosso país. O

sucesso esportivo é uma das poucas formas de alcançar uma ascensão social.

O próprio discurso esportivo da contemporaneidade envolve valores como sucesso, força, superação de limites, vitória e supremacia. A exigência pela boa performance, o elevado grau de competitividade e a tolerância às frustrações e ao estresse são características que o ser humano encontra no seu dia a dia e em suas relações pessoais. O discurso esportivo tem propagado que pode atuar como meio de canalização destas características, tornando-se mais um atrativo para que o sujeito “se prepare” para a vida e o mercado de trabalho competitivo em que vivemos atualmente.

A prática se inicia geralmente ainda na infância, por incentivo parental. Se a criança tem habilidade no gesto esportivo, a medida que vai crescendo começa a ser chamada a especializar-se. A pressão pela especialização é sutil, pois os discursos do esporte de alto rendimento vão capturando o sujeito e sua família progressivamente.

Inicialmente a criança vai para a prática com objetivos diversos como, por exemplo: indicação médica, para ocupar tempo ocioso, para imitar um parente, um ídolo ou o professor. A partir desse início, o processo de inclusão na competição é insidioso: o professor começa a incentivar a prática, a criança começa a ter resultados satisfatórios, os pais se orgulham e incentivam ainda mais. O técnico percebe o talento e a convida a treinar em equipe, o clube passa a oferecer cada vez melhores condições de treinamento. Desse modo, vão se constituindo condições para que o sujeito seja definitivamente capturado pelo discurso do esporte de alto rendimento (Valle, 2003).

Com o tempo, a criança/jovem sente-se obrigada a optar entre dedicar-se a apenas uma modalidade ou continuar praticando sem compromisso (e, conseqüentemente, sem resultados). Esse momento pode ser vivido com muitas dúvidas, pois é o marco no qual o sujeito vai “optar” por abrir mão de determinadas práticas (esportivas, sociais, etc.) em favor da especialização na modalidade esportiva escolhida. É aqui que começam a ser marcadas as diferenças em relação às outras crianças e jovens não-praticantes do esporte competitivo.

Após fazer uma opção, fica difícil escolher novamente, pois o sistema vai capturando o sujeito e inserindo-o nas práticas específicas daquela modalidade. A rotina do jovem passa a ser a rotina de treinamento, exigindo dedicação de tempo não apenas durante a semana, mas também nos finais de semana seja em treinos ou competições. Muitas famílias começam a se adaptar a esta rotina, alterando hábitos alimentares, de convívio social e de férias em favor do esporte.

As diferenças começam a se instaurar, e é no convívio social com o grupo de iguais que ficam bastante evidentes. Os amigos ficam mais restritos aos da equipe, pois o ritmo de treinamento acaba por afastar os jovens de outros relacionamentos. Eles não conseguem acompanhar programas diversos que os outros colegas costumam fazer, tais como: ir ao shopping, visitar um amigo, participar de um trabalho extraclasse.

Em outros casos o esporte ajuda a criança/jovem a se sentir mais acolhida nos grupos sociais. Não são poucos os atletas que relatam suas dificuldades de relacionamento, geralmente ligadas à timidez, e a inserção em um grupo os faz sentirem-se mais confiantes e aceitos pelos outros, pois essas diferenças (timidez, dificuldade de conviver em grupo) não são aspectos valorizados nos grupos esportivos, especialmente em esportes individuais.

O próprio grupo do qual o atleta passa a fazer parte muitas vezes ajuda a manter a adesão ao treinamento, pois nas diversas vezes em que pensam em parar de dedicar-se ao treinamento, o grupo do esporte o faz sentir-se pertencente a um grupo de iguais (tão importante na fase de adolescência). Assim, a companhia do grupo torna-se fundamental para permanecer na prática.

Progressivamente a identificação fica restrita ao círculo esportivo e os atletas passam a sentirem-se até mesmo desadaptados à rotina de outros jovens de mesma idade, considerados como o modelo “normal”. Esse estranhamento também funciona como reforçador para que o atleta se mantenha no esporte, pois ele teme ter de readaptar-se a uma vida que ele na maioria das vezes nem acha interessante. Para ilustrar esta questão lembro de um atleta de 15 anos que prefere ficar em casa a comparecer nos aniversários de colegas, dizendo:

– “Me sinto deslocado... todo mundo fica bebendo e eu não bebo. Não gosto de bebida. Além disso, morro de sono! Estou acostumado a dormir cedo”.

Manter-se em treinamento significa produzir e reforçar continuamente essas diferenças, pois os atletas precisam abdicar de uma série de situações consideradas naturais para sua idade. Passam pela eterna luta de reforçar essas diferenças em favor do esporte, mesmo que isso signifique sacrifícios nos modos de vida desses sujeitos. Capturado pelo discurso do esporte de alto rendimento, o jovem considera as diferenças estabelecidas como mais um obstáculo a vencer na sua trajetória de atleta.

Uma pedagogia do corpo vai se constituindo e o que inicialmente era motivo de conflito passa a ser entendido como fazendo parte do contexto esportivo. Assim, a vida social da criança/jovem passa a ser mais restrita ao ambiente esportivo, as dores inerentes ao

treinamento mais pesado são toleradas, tudo passa a ser natural e esperado pelos atletas e seus familiares. O jovem assume o discurso do esporte de alto rendimento e aceita como inquestionáveis suas leis (Valle, 2003).

As dúvidas em permanecer ou não na prática tornam-se mais comuns a partir da entrada na adolescência. Penso que isto ocorre tanto pela imposição dos limites reais do talento esportivo de cada um quanto pela inclusão do olhar de um Outro. É na relação com o Outro que o sujeito atleta tem a possibilidade de se pensar nas suas diferenças em relação a outros grupos considerados hegemônicos em nossa cultura.

Um período crítico para decidirem pela manutenção ou não do treinamento é no final do colégio quando as escolhas profissionais se impõem: para alguns é preciso optar por fazer um vestibular e para outros, é chegado o momento de começar a trabalhar, pois a família não tem condições de sustentar o treinamento. Lembro de um pai que me dizia:

– “A gente se sacrifica para sustentar esta estrutura. Mas se ele não estourou até agora... Precisamos dele nos ajudando na manutenção da casa”.

DIFERENÇAS NO TRABALHO

A questão do trabalho é importante de ser ressaltada, pois ainda que a dedicação ao treinamento não seja considerada uma relação formal de trabalho, é calcada em compromissos, responsabilidades e deveres para com o clube. Os atletas são cobrados por profissionalismo e por condutas que representem este compromisso. O trabalho, entendido como um dispositivo no sistema esportivo, produz um discurso de disciplina que reforça os próprios valores do treinamento para a competição.

As exigências do treinamento não permitem que o atleta se dedique com afinco aos estudos desde o colégio. Na universidade, novamente se diferenciam de seus colegas: tem pouco tempo para estudar para as provas, fazer trabalhos, estágios e participar de eventos profissionais. Queixam-se de que se formam no curso com o currículo empobrecido em termos de participações em pesquisas, cursos e atividades acadêmicas, mas, em troca, trazem a experiência competitiva e a tradição do esporte ao qual se dedicam. Se dedicam-se a uma profissão afim, essa “deficiência” é compensada com a experiência, porém se a profissão é de outra área, os atletas muitas vezes se sentem com deficiências ou em desvantagem com relação aos seus iguais. De uma atleta, futura advogada na hora que o professor questionaria um aluno:

– “Foi horrível, fiquei pensando: ‘Ai, professor, não pergunta pra mim!’. Ele olha pra mim e eu finjo que estou escrevendo”.

Ainda que consigam perceber e enumerar as vantagens que obtiveram com o esporte (viagens, dinheiro, estudo, satisfação pessoal com as melhoras na performance), sentem com pesar a perda de uma vida mais comum como a de seus amigos. Às vezes essa noção de diferença em relação a sua vida com a de outros jovens só vai ser percebida mais adiante a partir de um olhar de Outro, de fora do esporte.

– “E conhecer o (*nome do rapaz*) começou a me fazer pensar muito na minha carreira de atleta porque eu nunca fiz nada a minha vida inteira, eu nunca saí de noite. (...) Não é errado sair. E eu acho que foi bom porque eu saí um pouco daquela minha corbanga”.

A permanência no esporte de alto rendimento, no entanto, não é vivida destituída de conflitos e ambivalências por parte dos atletas. Ainda que usufruam uma série de benefícios do sistema competitivo, ao mesmo tempo sofrem a pressão por terem se tornados diferentes. É uma situação bastante paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que se orgulham por se diferenciarem dos demais, essas pressões por terem se diferenciado evidenciam-se principalmente na comparação de suas posições em relação ao trabalho e estudos quando comparados a não-atletas. Enquanto conhecem o mundo, por exemplo, deixam de dedicar-se aos estudos com esmero. No entanto, ainda que conhecer novos lugares seja algo valorizado e apreciado, não corresponder ao que é esperado para o padrão hegemônico de estudo e trabalho futuro é motivo de conflito.

– “Cansei de me irritar com a surpresa das pessoas por eu ter 26 anos e ainda não ter terminado a faculdade”.

DOS PARADOXOS E CONFLITOS

É fundamental que o psicólogo do esporte compreenda os paradoxos vividos por estas crianças e jovens. Reconhecer como a cultura esportiva funciona, seus códigos, valores e efeitos são fundamentais para que o profissional não reproduza com seus atletas, a vivência que eles têm fora do clube.

Insisto na necessidade de buscarmos compreender os efeitos da prática do esporte de alto rendimento naquele atleta, naquele momento e não realizar julgamentos a partir de critérios mais gerais encontrados na literatura não-específica. Muitas vezes o que não é indicado para um praticante comum de um esporte é o recomendado ao atleta. Portanto, os padrões utilizados para atender a população em geral não podem ser transpostos, pura e simplesmente, aos atletas, sejam crianças, adolescentes ou adultos. Por outro lado, penso que não podemos justificar tudo o que acontece pela

cultura esportiva, pois corremos o risco de negligenciar situações que podem exigir uma indicação que vá contra o treinamento, mas que para a saúde mental do atleta é o mais importante no momento.

Mais uma vez fica clara a necessidade de desenvolvermos pesquisas que atendam as necessidades de nossa área, construindo conhecimentos que consigam dar conta das problemáticas com as quais nos deparamos no dia a dia de quem trabalha com os atletas e com os demais envolvidos com o esporte de alto rendimento.

REFERÊNCIAS

- Bracht, V. (1997). *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: CEFD/UFES.
- Guareschi, N., Medeiros, P., Bruschi, M. (2003). *Psicologia Social e Estudos Culturais: rompendo fronteiras na produção do*

conhecimento. In Guareschi, N. & Bruschi, M. (Orgs.). *Psicologia social nos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.

Valle, M. (2003). *Atletas de alto rendimento: Identidades em construção*. [Dissertação de Mestrado], Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Recebido em: 21/12/2005. Aceito em: 14/02/2006.

Nota:

¹ Valle, M. (2003). *Atletas de alto rendimento: Identidades em construção*. [Dissertação de Mestrado], Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Autora:

Márcia Pilla do Valle – Psicóloga, Especialista em Psicologia do Esporte pelo Conselho Federal de Psicologia. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUCRS).

Endereço para correspondência:

MÁRCIA PILLA DO VALLE
Rua Hilário Ribeiro, 294 conj. 303
CEP 90510-040, Porto Alegre, RS, Brasil
Fone: (51)9112-1278
E-mail: mpvalle@via-rs.net